

O USO DE PASTILHAS NA ARQUITETURA POPULAR DA MOOCA

Inventário e reflexões

Gabriel Ferreira Licastro

FAUUSP | gabriel.f.licastro@usp.br

EIXO TEMÁTICO: 3. História, Memória e Patrimônio

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo investigar as características históricas e materiais que permitiram a ascensão do revestimento de pastilhas cerâmicas na arquitetura popular paulistana durante o século XX. Utiliza-se como exemplo a Mooca, um bairro operário que, pela sua temporalidade de crescimento urbano e demográfico, apresenta testemunhos numerosos e pistas diretas sobre o estabelecimento deste elemento no léxico arquitetônico da cidade.

O artigo também reflete sobre a particular atenção que este material tem recebido de arquitetos e decoradores na última década, tanto no emergente mercado de restaurações e retrofit, como em reformas que valorizam o elemento “vintage” que vem se colocando de forma significativa no discurso. Em meio a essa glorificação, busca-se identificar elementos de distinção econômica e assinalar a falta de investigações para o substrato popular desse material, base da construção da paisagem urbana de diversos bairros de São Paulo.

Palavras-chave: pastilhas; arquitetura popular; Mooca.

THE USE OF MOSAIC TILES IN MOOCA’S POPULAR ARCHITECTURE: SURVEY AND OBSERVATIONS

Abstract: This paper aims to investigate the historical and material characteristics that allowed mosaic tiles to ascend in São Paulo’s popular architecture during the 20th century. Mooca, a historical working class neighborhood, is used as an example because its urban and demographic growth showcases numerous evidences to the establishment of mosaic tiles in the city’s architectural lexicon.

The article also reflects on the particular spotlight put into this material by architects and interior designers in the last decade, both in the emerging restoration and retrofit market and the refurbishments that appreciates the “vintage” element that has been growing in the discourse. In between that glorification, the research aims to identify the element of economic distinction and note the lack of investigations about the material’s popular substrate, the basis for the urban landscape for various neighborhoods in São Paulo.

Keywords: mosaic tiles; popular architecture; Mooca.

EL USO DE AZUJELOS DE MOSAICO EN LA ARQUITECTURA POPULAR DE MOCCA: INVENTARIO Y REFLEXIONES

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo investigar las características históricas y materiales que permitieron el ascenso del revestimiento de pastillas cerámicas en la arquitectura popular paulistana durante el siglo XX. Se utiliza como ejemplo a Mooca, un barrio obrero que, por su temporalidad de crecimiento urbano y demográfico, presenta numerosos testimonios y pistas directas sobre el establecimiento de este elemento en el léxico arquitectónico de la ciudad.

El artículo también reflexiona sobre la particular atención que este material ha recibido de arquitectos y decoradores en la última década, tanto en el emergente mercado de restauraciones y retrofit, como en reformas que valoran el elemento "vintage" que se viene colocando de forma significativa en el discurso. En medio de esta glorificación, se busca identificar elementos de distinción económica y señalar la falta de investigaciones para el sustrato popular de este material, base de la construcción del paisaje urbano de varios barrios de São Paulo.

Palabras clave: pastillas; arquitectura popular; Mooca.

1.INTRODUÇÃO

As técnicas construtivas e de ornamentação atravessam os séculos como testemunhos das necessidades, limitações e desejos dos grupos que as utilizam. Cada método, produto e detalhe são realizados em matéria após um longo período de depuração coletiva, que pode envolver um sem-número de experimentações incluindo a resistência as intempéries, viabilidade financeira, utilização de materiais locais e as vicissitudes do gosto e simbolismo. Uma determinada cultura construtiva é repleta de tendências mais ou menos consolidadas, que se influenciam mutuamente graças mudanças intrínsecas, mas também de fatores externos, transladando no tempo e no território como fatos culturais complexos.

A instituição de alguns Cânones da construção no Ocidente oficializou, em discurso e prática, a crença na validade exclusiva dessa “arquitetura oficial” padronizada e, geralmente, monumental, como fonte de informação sobre os fatos culturais supracitados. A progressiva expansão de sujeitos e estudos na Academia, principalmente na interface entre arquitetura, arqueologia e antropologia, e recentes processos de reavaliação epistemológica trouxeram atenção à arquitetura cotidiana como forma igualmente válida de coleta e análise dos fatos culturais expressos através da construção (Lemos, 1989 apud. Ferreira, 2014).

Ao olhar para um material decorativo relativamente comum na cidade de São Paulo, as pastilhas, este trabalho utiliza os métodos de pesquisa em história da arquitetura para compreender a rede de fatos culturais embutidos em sua utilização. É de particular interesse entender as premissas básicas que propiciaram o início do seu uso; as características que permitiram sua adesão por diversos setores sociais heterogêneos, mas parte de um ecossistema cultural mutuamente influenciado (apropriações); e, por fim, refletir sobre as relações da contemporaneidade com tal material e técnicas.

Para um melhor aproveitamento do processo de pesquisa, o trabalho segue um condicionante de afunilamento particular, advindo da componente histórica: a influência da presença imigrante (principalmente italiana) na cultura construtiva da São Paulo do início do século XX. Deste preceito segue a determinação de um campo de pesquisa específico: a arquitetura popular de territórios majoritariamente ocupados por imigrantes no período, na qual o bairro da Mooca surge como um bom exemplo por guardar diversos exemplares de tal técnica disponíveis para serem analisados.

Através de um inventário das manifestações contidas no perímetro do bairro, da categorização formal e interpretações quanto as tipologias arquitetônicas e tendências de utilização, este trabalho busca quantificar e discutir este léxico difuso e suas considerações para a apreciação de uma paisagem onde camadas de historicidade se acumulam ao longo das décadas (Bueno, 2016).

Como demonstrado por Coêlho (2021), existem algumas normativas e componentes para a definição técnica do que é uma pastilha. Pastilhas de cerâmica, porcelana, vidro, “mosaico”, esmaltadas, nomeadas de acordo com seus fabricantes, etc., existe uma pletora de opções e esta variedade pode ser um desafio adicional para o entendimento da trajetória histórica deste material. No escopo circunscrito deste trabalho, considera-se como “pastilha”: elementos cerâmicos ou vítreos com dimensão máxima de 10 cm, sejam eles quadrados, retangulares ou hexagonais (formatos mais comuns no território e período escolhidos).

2. REDES DE CONHECIMENTO CONSTRUTIVO

O investimento público e privado paulista para a importação de mão de obra imigrante no último quarto do século XIX e primeiro do século XX trouxe um contingente notável de estrangeiros para o país. Embora uma parte considerável fosse destinada à lavoura, um número expressivo de famílias se instalou na capital onde trabalhavam majoritariamente nas recém-estabelecidas indústrias.

Como indicado por Salmoni e Debenedetti em “Arquitetura Italiana em São Paulo” (2007), parte dessa mão de obra urbana chegava ao Brasil após ter trabalhado no mercado da construção civil em seus países de origem, naturalmente buscando se inserir neste nicho em sua nova realidade. Para além de alguns arquitetos e engenheiros, a maior parte eram mestres de obras e artesãos da construção, acostumados com as técnicas e moldes vigentes em suas pátrias.

Cunha (2017) identifica a contribuição desses sujeitos e a disseminação não-acadêmica desses saberes com o exemplo do trabalho em “pedra fingida” popularizado nas primeiras décadas do século XX, enquanto Salmoni e Debenedetti (2007) citam a disseminação de plantas no Arquivo Histórico Municipal assinadas por artesãos estrangeiros (principalmente italianos) responsáveis pela edificação da espinha dorsal de vários bairros como Vila Buarque, Bom Retiro e Brás. As autoras relatam a importância da arquitetura popular nesta construção de paisagem e na vida desses profissionais, já que foi através de pequenas construções para familiares e vizinhos que suas carreiras começaram a se desenvolver.

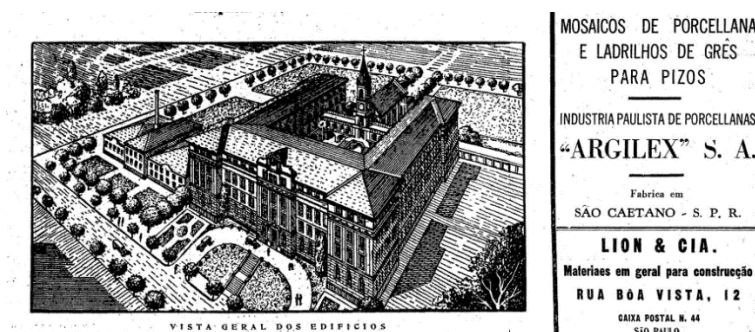
Entre as técnicas que faziam parte do léxico trazido por essa mão de obra certamente constava conhecimentos mosaicistas, que chegam ao país com a arquitetura eclética de forte matriz europeia desde a primeira década do século XIX. Embora diversas culturas do mundo tenham desenvolvido técnicas de mosaicos, na Europa esta arte advém dos tessellados helenísticos e romanos (Dunbabin, 1999), que desde a antiguidade clássica inspiram artistas e historiadores em seus trabalhos. Este artesanato, mantido pelos bizantinos, retorna à península itálica do medievo através dos mestres mosaicistas de Veneza, Ravenna (Rizzardi, 2011) e Roma (Coelho, 2003).

A adaptação das tasselas a moldes industrializados no século XIX permitiu uma redução no custo e, assim, houve um crescimento consistente em seu uso nas artes decorativas europeias, impulsionando criações de murais e pisos em diversas das linguagens arquitetônicas da época (Coelho, 2003). Não apenas edifícios monumentais passaram a contar com mosaicos alegóricos, mas também residências e estabelecimentos comerciais podiam exibir pastilhas em padrões ou de cor sólida em suas dependências.

Rapidamente essas tendências atravessaram o Atlântico, porém a falta de manufaturas capazes de produzir tais peças levava a importação de tais mosaicos diretamente da Europa, como se relata do Palacete Montenegro em Belém do Pará, na “belle époque” do Ciclo da Borracha (Gougon, 2010) ou os ricos murais encomendados de mosaicistas italianos para o Theatro Municipal de São Paulo (Salmoni, Debenedetti, 2007).

Na década de 1930 o uso do material já era tão significativo que começaram a surgir as pioneiras fábricas nacionais, começando com a CCB, no Rio de Janeiro, e a Argilex, em São Paulo (Fig.1) (Coelho, 2003). O barateamento das peças acarretado pela produção em escala industrial e a facilidade de escoamento da indústria, que se situava as margens da Santos-Jundiaí, incentivou o uso deste material em projetos de diversas naturezas e custos.

Figura 1: Primeiro anúncio do Argilex no jornal Estado de S. Paulo



Anúncio da Argilex na matéria de inauguração do Colégio Archidiocesano de S. Paulo.
Fonte: Arquivo Estadão, 16/05/1937.

Segundo Coelho (2003), enquanto na Europa do começo do século XX alguns artistas começaram a discutir a incompatibilidade do valioso trabalho do artesão mosaicista com a escala de produção industrial, no Brasil os artistas mosaicistas “modernos” abraçaram esta expressão em conjunto com a industrialização tardia como forma de potencializar o ramo. Artistas notáveis como Paulo Werneck, Emiliano Di Cavalcanti e Antonio Carelli atuaram em parceria com os industriais em colaborações técnicas e trocas de conhecimento.

O notável desempenho das pastilhas, sua facilidade de limpeza e sua potencialidade plástica se tornam conhecidos pelo cânone da arquitetura moderna europeia no início do século XX e se torna parte da linguagem dos interiores úmidos, transladada para o

Brasil através da atuação pioneira de Gregori Warchavchik e Rino Levi, não coincidentemente *alumni* de escolas italianas de arquitetura. A natureza industrial do material era apreciada, gerando uma sinergia com outros elementos do léxico moderno como o concreto armado e os caixilhos envidraçados, parte do incentivo à industrialização do país.

Não é possível desconsiderar algumas similaridades da aplicação das pastilhas e dos azulejos na arquitetura moderna brasileira. Estes, presentes no país desde o período colonial (Alcântara, 1997), eram entendidos como uma adaptação ao clima local, fruto de um desenvolvimento vernáculo e, portanto, um elemento potencial para a construção de uma linguagem nacional própria (Lemos, 1984 apud. Coêlho 2021).

No final da década de 1940, o amadurecimento da arquitetura moderna em São Paulo, deu base para uma revolução na utilização das pastilhas: o revestimento de fachadas (Coêlho, 2021). A partir do revestimento do Edifício Altino Arantes (1947), diversos profissionais como Rino Levi e Artacho Jurado começaram a usar essa técnica nos edifícios que projetavam (Fig. 2).

Segundo Coêlho (2021), esta nova forma de utilização se mostrou apropriada para a construção moderna verticalizada, pois garantiu melhor desempenho de estanqueidade em projetos com grandes áreas a serem revestidas, com soluções de manutenção mais baratas (por exemplo em relação as repinturas tradicionais). Deve-se considerar, também, que as pastilhas ofereciam a possibilidade da fachada apresentar uma expressão plástica alinhada com os padrões artísticos em voga na época, sem a necessidade de “ornamentos” em sentido estrito, contribuindo para a concepção da arquitetura como “obra de arte total”.

Em bairros como Higienópolis, Consolação e Bela Vista, os novos empreendimentos foram se influenciando mutuamente até que se construísse uma verdadeira linguagem arquitetônica onde a pastilha figurava como o elemento da fachada por excelência.

Percebe-se que o efeito e o desempenho gerado por essas fachadas foram muito bem recebidos pela cidade em geral e, em poucos anos, multiplicaram-se os fabricantes de pastilhas (Coelho, 2003) e elas passaram a ser usadas para fachadas em edificações verticalizadas menores, geralmente empreitadas pelos proprietários de lotes médios na cidade, e também de casas.

Essas manifestações se mostraram populares em bairros de classe média que passaram por processos de loteamento, expansão imobiliária e/ou verticalização ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960, como Santa Cecília, Vila Mariana e Mooca, aludindo a uma cultura arquitetônica disseminada em variados segmentos de renda da sociedade. O estudo da Mooca será analisado com mais detalhes neste trabalho.

Figura 2: Fachada do Edifício Parque das Hortênsias



Fachada de pastilha no Bloco B do Edifício Parque das Hortênsias, de Artacho Jurado.
Fonte: Coêlho, 2021.

7

3. ESTUDO DE CASO: MOOCA

As rápidas transformações econômicas e sociais ocorridas no estado de São Paulo durante o Ciclo do Café catalisaram, na capital, diversas alterações urbanas. Uma das mais notáveis foi a construção de bairros industriais, posteriormente chamados de “bairros operários”, às margens das ferrovias que cortaram a cidade. Dentre os territórios pioneiros dessa expansão urbana, chamados de “além-Tamanduateí” (Andrade, 1991), está a Mooca, um bairro formado majoritariamente por imigrantes a partir da década de 1890.

O ecossistema simbiótico desses bairros era composto pelos polos de emprego (fábricas, oficinas, armazéns, galpões, etc), grande contingente populacional de classe proletária e os serviços básicos para a vida cotidiana como igrejas, armazinhos e grupos escolares. Embora diversos industriais promovessem verdadeiros programas de urbanização para seus funcionários, como uma forma de criar uma comunidade sob sua supervisão (Blay, 1987), a grande maioria da população dependia de aluguéis flutuantes, aos quais as famílias deviam se adaptar através da inserção de todos os seus membros no mercado de trabalho.

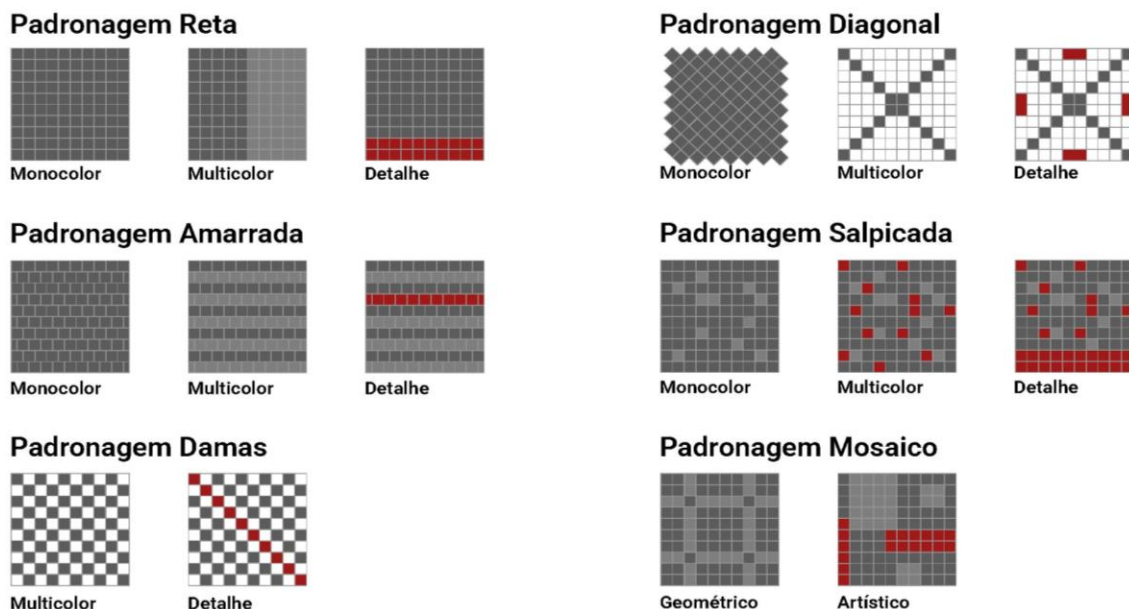
A mão de obra operária, tanto profissionalmente como em seu tempo de folga, é a força de trabalho responsável pela criação do bairro e por sua plena realização cotidiana. O estudo da arquitetura resultante desse processo é, portanto, de muito interesse para a

compreensão dos modos de vida dessa comunidade e suas alterações subsequentes. Como boa parte dos processos relativos a arquitetura vernácula, os registros formais sobre essas formas de construção são mais escassos do que aqueles referentes a arquitetura canônica, acadêmica e monumental, por isso a necessidade de debruçar-se sobre os testemunhos físicos sobreviventes e, quando possível, registrar saberes que são transmitidos de forma oral e no canteiro. Neste trabalho não foi possível encontrar esse tipo de fonte, demonstrando a necessidade de estudos mais detalhados para o reconhecimento dessas lacunas na história da arquitetura.

Para uma análise detalhada da utilização das pastilhas como elemento decorativo no bairro da Mooca se empreendeu uma varredura de inventário, buscando entender a abrangência do material ainda visível no território e de sua categorização.

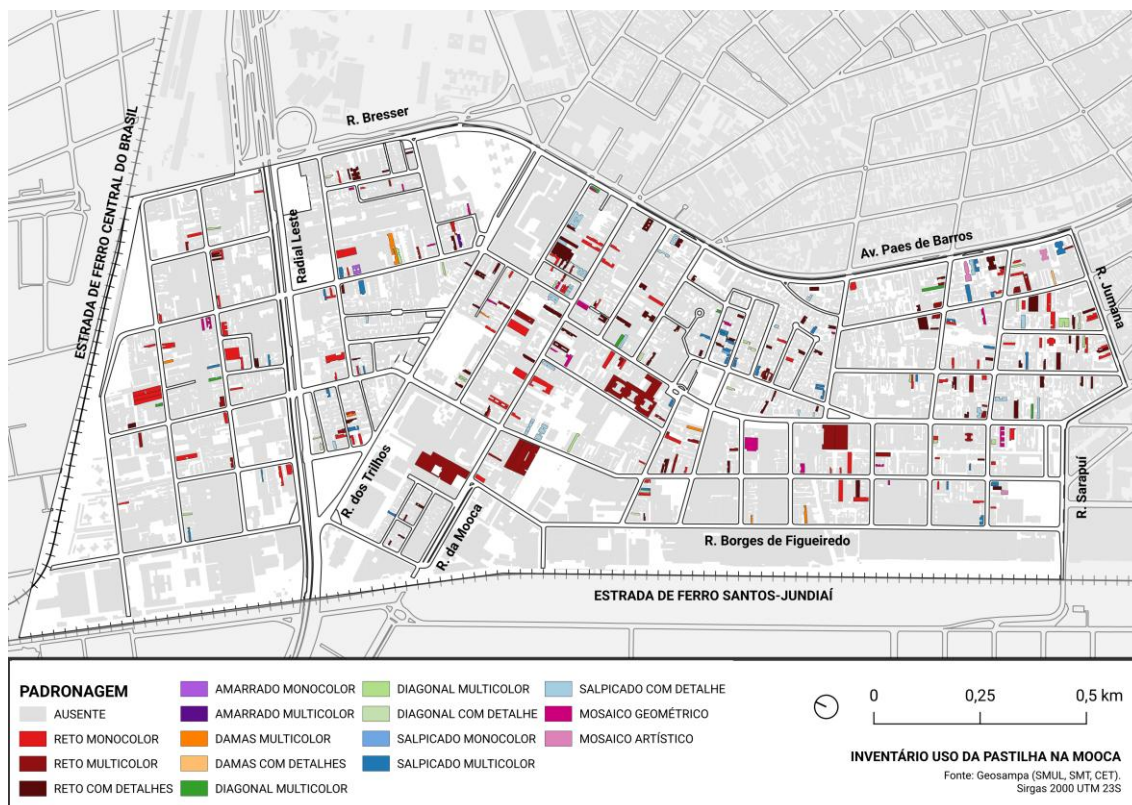
A primeira informação coletada foi a padronagem ou paginação (Fig. 3), assim como o emprego de apenas uma cor de revestimento ou várias. Essa escolha projetual impacta diretamente no grau de complexidade da aplicação do revestimento e na apreensão visual do edifício. Como muitas dessas obras eram feitas sem arquitetos, o correto dimensionamento e execução de tais padronagens pode ser atribuído ao *savoir-faire* dos mestres de obras e/ou os artesãos contratados para executá-las. Assim como se faz hoje, a principal fonte de informação na época eram os encartes e catálogos das próprias fabricantes e seus consultores e técnicos.

Figura 3: Diagramas de padronagem



Descrição dos tipos de padronagem utilizados no inventário.
Fonte: elaborado pelo autor.

Figura 4: Mapa síntese do levantamento



Mapa síntese do levantamento de pastilhas como revestimento externo no bairro da Mooca.
 Fonte: elaborado pelo autor.

A segunda informação coletada foi a tipologia do edifício na qual o revestimento foi aplicado, com especial enfoque na verticalização, mas também na função. Essa informação é extremamente relevante para entender a escala dos projetos e eventuais preferências de aplicação.

O levantamento foi sintetizado em um mapa (Fig. 4), a partir do qual pode-se concluir a disseminação franca das pastilhas como material de revestimento externo nas edificações da Mooca: de um total de 80 quadras inventariadas, apenas 12 (15%) não possuíam nenhum edifício apresentando esta técnica.

A região com mais ocorrências é a que se encontra ao redor da Rua da Mooca, eixo histórico do bairro. A concentração de serviços, empregos e a proximidade da linha de bonde que levava ao centro da cidade fez com que esta vizinhança fosse pioneira na verticalização do bairro. O mercado imobiliário local mais dinâmico propiciou mais construções e um dispêndio maior, o que pode justificar a adoção de pastilhas mais cedo, a partir da década de 1940. A maior parte das ocorrências dessa região são sobrados ou edificações residenciais baixas sobre estabelecimentos comerciais, tipologia clássica do bairro (Fig. 5).

A segunda região com mais ocorrências é a porção sudeste do bairro, na divisão com o chamado “Parque da Mooca”. Nesta vizinhança, além dos edifícios de uso misto citados anteriormente, existem duas outras variedades de uso que chamam a atenção. Por esta ser uma região de loteamento posterior (1950-1960) e com a venda de imóveis para uma população mais rica, percebe-se a construção de casas unifamiliares maiores (Fig. 6) com presença do revestimento de pastilhas e grandes edifícios multifamiliares modernistas (Fig. 7), no mesmo molde dos empreendimentos supracitados em Higienópolis e na Bela Vista.

Figura 5: Edifício de uso misto



Exemplo de uso de pastilhas em edificação de uso misto clássica no bairro. Rua da Mooca, 2369.
Fonte: Google, 2015.

Figura 6: Residência unifamiliar



Exemplo de residência unifamiliar com uso de pastilhas. R. Camé, 344.
Fonte: Google, 2014.

Figura 7: Edifício residencial modernista



Exemplo de uso de várias padronagens para efeito plástico máximo. Av. Paes de Barros, 822.
Fonte: Google, 2015.

Nas outras partes do território é possível ver uma mistura das tipologias de uso misto e das residências unifamiliares. Embora as edificações industriais do começo do século XX não apresentem esse tipo de revestimento, aquelas construídas a partir de 1950 apresentam tal técnica, geralmente em padronagens mais simples e cores mais neutras, algo absorvido pelos residenciais a partir de 1980 (Fig. 8).

A integração das peças cerâmicas industrializadas de maior formato no léxico da construção paulistana é afirmada pela ocorrência de edificações erguidas entre 1990 e 2010 que apresentam tal material, embora de forma menos frequente que em períodos precedentes.

Figura 8: Edifício residencial contemporâneo



Exemplo de mosaico em condomínio do início dos anos 2000. R. Marina Crespi, 195
Fonte: Google, 2025.

5. O PARADOXO CONTEMPORÂNEO DO VINTAGE

Ao longo da segunda metade do século XX a aplicação de pastilhas se tornou cada vez mais comum na cidade de São Paulo, avançando com a urbanização da cidade. Percebe-se, também, a contínua expansão dos catálogos para incluir formas cada vez mais baratas de produzir revestimentos, principalmente das pastilhas de vidro teladas que se tornaram um padrão deste segmento.

A decaída do vocabulário arquitetônico modernista e, posteriormente, do vocabulário pós-modernista que tinha adotado as pastilhas de forma expressiva (Fig. 8), significou uma diminuição no uso dessas soluções que passaram a competir tanto em fachadas como nos ambientes internos com uma variedade de produtos cada vez maior, principalmente com a inundação do mercado pelos revestimentos de porcelanato nos anos 2000 e 2010.

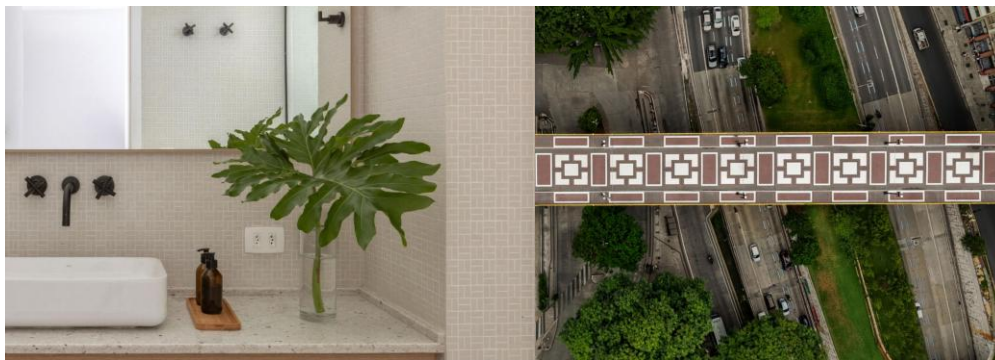
A partir dos anos 2010, porém, percebe-se uma retomada dos revestimentos em pastilha como opções para os interiores, principalmente os úmidos, com uma linguagem, em geral, contemporânea com panos de cor e combinações minimalistas (Amorim, 2014). Essa tendência se alinha com uma crescente valorização de edifícios antigos, principalmente modernistas, da cidade e a cultura arquitetônica que forma parte da identidade paulistana, impactando, por exemplo, as reformas e *retrofits* (Ghisleni, 2023).

Em geral percebe-se que está surgindo, novamente, um segmento de luxo no mercado de pastilhas, tanto para projetos de interiores novos como para atender a demanda

dessas reformas, *retrofits* ou restauros de edificações históricas. Alguns fabricantes experientes, como a Argilex, Vidrotil e Atlas, estão voltando a investir em linhas especiais ou até marcas especializadas em produções artesanais, vasta gama de combinações, consultoria especializada, manuais de assentamento detalhado e até mesmo possibilidade de prospecção cromática para a reintegração de imagem em painéis danificados ou desgastados.

Essa atuação, como salientada nos catálogos da Keramika (Fig. 9), marca subsidiária da Argilex e uma das maiores referências no mercado atualmente, é colocada como uma possibilidade de integrar passado e presente, tradição e aprendizado, fornecendo as ferramentas e os produtos para o retorno deste material para o vocabulário arquitetônico e a formação de mão de obra apta a realizar tais instalações.

Figura 9: Imagens do Catálogo Keramika 2026



Páginas do Catálogo Keramika 2026 enfatizando o uso em reformas de alto padrão e restauros.
Fonte: Keramika, 2026.

Enquanto no período de 1940 a 1960 a pastilha possuía uma aceitação ampla entre diversos setores de renda e de especialização, hoje se percebe um paradoxo: enquanto estratos de renda mais altos estão valorizando materiais e técnicas artesanais, personalizáveis e com integração com tradições construtivas locais, estratos de renda mais baixa optam (ou são forçados a optar) por opções industrializadas com baixo valor agregado.

Embora seja constate a glorificação da “arquitetura *vintage*” em publicações e eventos de decoração, projetos particulares ou empreendimentos novos raramente terão orçamento necessário para a contratação de técnicos e compra de materiais de qualidade necessários para a execução de tais elementos. Justamente por essa distinção econômica entre as apropriações desta técnica, deve-se pensar em suas raízes históricas, sujeitos e agentes apagados, indicando a possibilidade de novos estudos para a compreensão mais detalhada deste universo que inclui uma mão de obra popular e a distinção de uma linguagem arquitetônica difusa.

6. REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Dora (org.). **Azulejos na cultura luso-brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (IPHAN), 1997.

AMORIM, Cláudia. Revestimentos em estilo retrô estão em alta. **O Globo**. 06/04/2014. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/ela/gente/revestimentos-em-estilo-retro-estao-em-alta-16951095>. Acesso em 10/01/2026.

ANDRADE, Margarida Maria de. **Bairros além-Tamanduateí: o imigrante e a fábrica no Brás, Moóca e Belenzinho**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 1991.

BLAY, Eva Alterman. **Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo**. São Paulo: Studio Nobel, 1985.

BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. Arqueologia da paisagem urbana: lógicas, ritmos e atores na construção do centro histórico de São Paulo (1809-1942). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v.64, n.1 2016.

COELHO, Camilla Thais de Meneses. **O protagonismo das pastilhas na cromaticidade da arquitetura: o caso do bairro de Higienópolis em São Paulo (1940-1950)**. Dissertação (Mestre em Tecnologia da Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), 2021.

COELHO, Isabel Ruas Pereira. **Produção de Painéis em Mosaico no Período Pós-Guerra em São Paulo: Industrialização e Modernidade Versus Tradição Artesanal**. In: Do.co.mo.mo. 5. 2003. São Carlos. Docomomo.

CUNHA, Fernanda Craveiro. Revestimento de pedra fingida no centro de São Paulo. **Revista Restauro**, v.1, n.1, 2017.

DUNBABIN, Katherine. **Mosaics of the Greek and Roman World**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FERREIRA, Thiago Lopes. **Arquiteturas vernáculas e processos contemporâneos de produção: Formação, experimentação e construção em um assentamento rural**. Tese (Doutorado em Arquitetura) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP); École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble (ENSA-Grenoble), 2014.

GHISLENI, Camilla. Acertos e contradições no retrofit dos centros urbanos: o caso de São Paulo. **Archdaily**. 11/12/2023. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1010760/acertos-e-contradicoes-no-retrofit-dos-centros-urbanos-o-caso-de-sao-paulo> Acesso em: 10/01/2026.

GOUNGON, Henrique. Os pisos do período belle époque de Belém do Pará. Os pisos em mosaico dos velhos palácios e casarios de Belém. **Mosaicos do Brasil**. 2010. Disponível em: <https://mosaicodobrasil.tripod.com/id134.html> Acesso em 02/12/2026.

LE MOS, Carlos Alberto Cerqueira. Azulejos Decorados na Modernidade Arquitetônica. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, v.20, n.1, 1984.

_____. **História da casa brasileira**. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

RIZZARDI, Clementina. **Il Mosaico a Ravenna**. Ideologia e Arte. Bologna: Università di Bologna, 2011.

SALMONI, Anita; DEBENEDETTI, Emma. **Arquitetura italiana em São Paulo**. São Paulo: Perspectiva, 2007.